



Edição e Revisão

Luís Chambel Martins

Paginação

André Reis

Fotografia

Levi Martins



O fogo do inferno e o artifício do teatro

Conversa com Luis Miguel Cintra



Levi Martins – Esta é a quarta e última residência artística que fazemos para preparar o espectáculo *Um D. João Português*. Como tem sido este percurso, e quais achas que têm sido os ganhos e as perdas com este projecto?

Luis Miguel Cintra – Tenho muita dificuldade em falar em nome do grupo e, em princípio, devia haver uma noção de grupo inerente a este género de organização de produção. Isso desconsola-me um pouco, porque é uma das falhas em relação ao projecto original. Porque é que falha? Não é por causa das pessoas, com certeza. É por causa das condições em que estão a trabalhar. O que faz mal a um projecto e o desvirtua é, no fundo, a incerteza das condições em que se trabalha, que leva a que as pessoas tenham de aceitar outros trabalhos que tornam complexíssima a organização dos ensaios e impede o sentimento de grupo. Também pensámos muito no contacto com o público local, e quando dizemos isto não estamos a falar nos milhares de pessoas que vivem em cada cidade, mas sim nalguns grupos que já teriam hábitos culturais, e que poderiam ser associados como espectadores da produção do espectáculo pelo facto de terem interesse em ver como trabalhávamos e como se desenvolvia o projecto. Isso, em geral, foi difícil de fazer. Talvez tenha sido um pouco mais fácil em Viseu, no Teatro Viriato, justamente porque já aí havia

uma tradição de situações deste género, e o público tinha curiosidade sobre o que se passaria naquela sala. Mas, apesar de tudo, acho muito importante que existam tentativas, exemplos e desejos de iniciativas assim, ainda que fiquem incompletos. Fica sempre qualquer coisa, abre-se sempre qualquer porta. Para além disso, há uma outra coisa que me faz achar que valeu a pena: o contacto com as diferentes estruturas de acolhimento que encontramos, completamente distintas entre si, obrigando-nos a uma adaptação ao estilo e aos hábitos de trabalho de cada uma. Penso que estas condições de produção particulares valorizam o espectáculo.

Para conseguir uma estruturação mais de acordo com os nossos desejos, provavelmente teríamos de ter esperado mais tempo antes de avançar. Mas eu acho que fomos ganhando outras coisas ao termos avançado rapidamente, por se ter criado uma situação mais extrema. Quanto ao grupo de trabalho, não tenho a certeza se não sofrerá, às vezes, por comparação com o que foi o Teatro da Cornucópia, onde tinha uma casa, hábitos, um certo conforto... coisas que permitiam que os actores se sentissem mais parte de uma família, o que neste caso é um pouco difícil, porque a organização é mais disfuncional – o que está mais de acordo com o que parece ser incentivado pelo poder político, aliás.

Sinto que, de vez em quando, se manifestam automatismos de contar com determinadas coisas, com determinadas pessoas que não estão presentes e com as quais já nos tínhamos habituado a contar, mas também não me passa pela cabeça o mesmo que passaria se estivesse no Teatro da Cornucópia. Não seria a falta de condições para fazer as coisas na mesma linha de desenvolvimento que me travaria.

Neste último bloco, a que deste o sugestivo título *A escuridão ao fim da estrada*, há duas questões muito importantes logo no início: o reencontro com D.^a Elvira e o discurso sobre a hipocrisia.

O que a peça tem de engraçado é, de facto, permitir interpretações tão diversas, nomeadamente na relação do protagonista com a vida. Há uma espécie de percurso que passa por situações que não pretendem ser simbólicas no sentido de esgotarem todo o assunto, mas têm subjacente um pensamento geral sobre a existência, e ele tem de ser encarado para que criemos uma relação com a cena que está a acontecer. A personagem de D. João problematiza todos os aspectos da vida e, como tal, estamos sempre à espera de que, a cada nova cena, nos vá expor respostas... mas não há respostas em relação a nada. Há, isso sim, sempre uma acção de questionamento, em que cada um terá que se confrontar a si próprio.

Ora, acho muito interessante que, se analisarmos a história, tudo comece pela fuga de D. João ao casamento. Ao casamento e não ao amor. D. João tem a fama de ser um personagem conquistador, que teria o amor como principal modo de vida. Amar é coisa difícil de fazer para quem não tem dinheiro. E a aristocracia, se podia amar porque tinha dinheiro, não conseguia fazê-lo porque não sabia como. Além disso, defraudando tanto a sua imagem, D. João também é um parceiro difícil para uma menina rica. Enfim, quando se trata de amor, creio que o problema de D. João não será o costume que ele tem de fugir das relações amorosas, mas antes o facto de fugir daquilo que ele gostaria que fosse amor e não o é. Para mim, o caminho que D. João vai seguindo até à morte, desafiando tudo e mais alguma coisa e não lhe interessando absolutamente nada das estruturas sociais e dos comportamentos normalizados, é mais a busca do amor do que outra coisa qualquer. D. João não é capaz de aceitar o amor que D.^a Elvira lhe oferece, e ela oferece-lhe tudo no fim, inclusive, parece-me, não casar com ele... o que é tanto mais engraçado para mim quanto depois vem aquele acréscimo que consiste no final da tradução portuguesa, em que há uma festa de casamento, num sítio em que as campas se abrem e os mortos saem das sepulturas. Para encenar essa parte hesitei imenso; andei à procura de como se haveria de representar esse final por-

tuguês, que é um final de reconciliação. Não sabia se havia de ser uma farsa feita do ponto de vista dos próprios actores e dos realizadores do espectáculo, se havia de ser uma espécie de brincadeira que D.^a Elvira inventa (e, nesse caso, seria como se estivesse a dar D. João como mentalmente incapaz, o que não é o caso), se havia de ser tomado como uma espécie de grande Carnaval que resumisse toda a peça... e é, no fundo, sobre esta última hipótese que eu estou a trabalhar. Aparecer a estátua do Comendador, que tratámos como um gigantone de Carnaval, as meninas a que chamámos a gémea preta e a gémea branca, que interpretaram papéis de vida e de morte simbólicas, mas aparecem vestidas de freiras e espanholas... Depois, pelo facto de existir na Cornucópia uma máscara de porco que era usada no espectáculo *Ilusão*, achei que seria óptimo vestir-me de porco e andar por ali a assumir um papel simbólico metido no meio daquele pensamento todo que, de facto, “emporalha” a vida. Tudo o que se faz com o texto do espectáculo vai contra as regras de respeito por Molière e pela unidade e compreensão da peça junto do público, e isso agrada-me imenso. É uma explosão, no sentido de não ter cuidado com coisa nenhuma e de atirar tudo o que me vier à cabeça para cima do palco (dentro dos limites orçamentais, claro). Muitas vezes, teria gostado que os intérpretes se divertissem com isso tanto quanto eu. Claro que eles são mais novos





e, portanto, não podem divertir-se tanto a destruir tudo o que construíram. Não vão querer já destruir o que ainda estão a construir. No meu caso não é bem assim.

Mas toda essa destruição, no fundo, desempenha uma função dramática. Leva a um quase-caos de onde pode surgir uma possibilidade de interpretação da vida de D. João. Como se aquele momento em tudo se estilhaça fosse o instante para que se esteve a caminhar desde o início.

Então a história não é essa? Ele chega a um ponto em que, de repente, não se percebendo bem porquê no texto original, começa a abrir-se o inferno. Quem é que deu ordem para o inferno se abrir e ele cair lá no fundo, no momento em que recusa a ajuda de D.^a Elvira? Foi o céu. Ela oferece-lhe o céu e ele não quer, portanto, o céu manda-lhe o inferno. Vinga-se!

Num outro nível de interpretação, com este final quase que estás a querer fazer uma espécie de demolição simbólica do teatro independente, de tudo o que foram os princípios a partir dos quais vocês fizeram teatro. Como se quisesses dar origem a uma espécie de *big bang* no teatro português, de onde pudesse sair outra coisa que ainda não se sabe muito bem o que é.

Tenho consciência exacta de que aquilo

que foi a força de determinados grupos, a convicção que tiveram na defesa de coisas como o rigor dramático, a consciência histórica dos textos, a procura de um tipo de representação expurgado de todos os lugares comuns e clichés que lhe vinham associados e, sobretudo, a grande vontade de colaborar, através da sua relação com o público, numa transformação da sociedade... tudo isso acabou, quer dizer, não tem mais espaço. Não tem energia, não tem foco da parte de ninguém. Porquê? Há um factor que é importante: as pessoas que constituíram o motor desse movimento já terminaram as suas carreiras. Algumas já morreram, outras ainda não mas estão na chamada idade da reforma. Estão cansadas, de certa maneira. Não creio que estejam desiludidas. São pessoas que estão contentes de terem feito aquilo que fizeram. Têm um certo orgulho. Agora, é difícil que olhem para a realidade e pensem que ficou a continuação daquilo que construíram. Não ficou. Porque o teatro, e isso é que talvez tenhamos tido menos cuidado em pensar, não existe fora do contexto social em que nasce e está inserido. Se a sociedade evoluiu toda num determinado sentido, era impossível que o teatro tivesse sido a única coisa que tivesse evoluído no sentido oposto. A maneira de abordar uma peça de teatro como ponto de partida para fazer o espectáculo mudou completamente, porque as pessoas – sobretudo a população mais nova, que já foi educada depois do 25 de

Abril – perderam a relação com a palavra e com os textos que, antigamente, era fundamental e, portanto, não podem ter a mesma sensibilidade. Além disso, a própria função e condição de existência do teatro na sociedade modificou-se muito. Se calhar haveria poucos actores interessados numa via e num tipo de trabalho como aquele que foi o nosso. Sentem a necessidade de inventar uma coisa que seja deles, e não é deles aquilo que nós fizemos no passado. No entanto, se calhar eles não estariam a fazer o que querem se, entretanto, nós não tivéssemos feito aquilo pelo meio. Está tudo bem. Acho é que nos deitam fora depressa demais.

Então consideras que este D. João pode ser uma espécie de ponto final para ver se alguém faz o parágrafo a seguir.

Sim, não acho mal visto. Mas eu ainda ponho umas notas de rodapé.

O que sinto é que, com este projecto, temos tentado que todo esse trabalho não seja esquecido e que se crie uma ligação para o futuro com consciência e reconhecimento do que veio antes. Mas voltando a este último bloco: há pouco acabámos por não falar sobre a questão da hipocrisia, que por vezes dizes que é tua inimiga de estimação. Há um momento em que D. João quase assume que é a única forma de viver com os outros...

E não é o que estamos a sentir agora, na sociedade em que vivemos? Todas as pessoas extraíram conclusões e modos de viver individuais que enfermam de muitos vícios terríveis para as suas vidas. As pessoas vivem, muito mais do que parece, sujeitas aos valores do dinheiro, camuflados debaixo de uma quantidade de outras coisas. As convicções ideológicas deixaram de ter qualquer espécie de interesse e de importância na vida quotidiana. Há uma espécie de banalização do ser humano, mesmo na conquista das liberdades individuais. Como tudo é permitido, e como as pessoas já não precisam de pensar em nada nem de formar uma opinião, esquecem-se de que, se não têm opinião, estão inconscientemente a fazer algo gravíssimo em relação aos valores mais simples da vida. Isto preocupa-me muito, e as pessoas têm consciência – porque o ser humano não é parvo – de que vivem numa contradição insolúvel e, portanto, aceitam as regras de convívio calmo, confortável e dominado pelas máquinas dos bancos como uma forma de viver hipócrita. Porque, por debaixo de tudo isso, estão, às vezes, pessoas que se detestam e odeiam e não podem encarar-se umas às outras, mas que se tratam com o maior civismo e a maior delicadeza. E isto porquê? Porque, se não for assim, podem perder o emprego, podem criar mau ambiente na escada comum do prédio... Então, na nossa época, há uma espécie de

vitória da ausência de sentido na vida, e as pessoas não dão por isso. D. João, ao discursar sobre a hipocrisia, parece que fala sobre o que se passa agora. A época em que a peça foi escrita também foi de mudança, e o que acontece é que continua a ter actualidade. Esse discurso de D. João é um desafio incrível para um actor, porque tem ironia em múltiplos graus. Ele está a queixar-se da hipocrisia dos outros frente a um público que sabe que é maioritariamente hipócrita e, além disso, explica que vai usar a hipocrisia para ser hipócrita com o próprio público. E depois, logo de seguida, vem uma figura que é, em princípio, o contrário da hipocrisia. Vem D.^a Elvira, a sinceridade máxima, falar a D. João do fundo do seu coração, naquela que será, provavelmente, a cena mais sincera de toda a peça. E uma coisa que me comove é que D. João não é capaz de ser hipócrita perante ela. É falso com todas as outras pessoas, mas não com D.^a Elvira. O principal problema de D. João é com o amor. Penso para mim: não sei se é incapaz de amar ou se é uma pessoa que ainda não descobriu o que é amar, mas tem a noção de que é o único valor. No meu caso, não consigo dissociar isso da questão religiosa. Sou praticante de uma fé que tem como primeiro ponto a afirmação de que há uma única lei que é a lei do amor, a única que deveria reger tudo.

O que parece surgir - pelo menos nesta versão, em que existe aquele duplo fim

(ou caos), e em que não é totalmente claro se D. João salta para a morte ou para a solidão - é um retrato muito forte do mundo contemporâneo. O indivíduo, não aceitando a lei do amor, prefere saltar?

O inferno é um fogo de artifício. O que D. João faz é brincar com o artifício. Faz um gesto teatral. Salta por cima da fogueira, mas quem pode saltar para um lado também pode saltar para o outro. Anda a brincar com o fogo de artifício que, no fundo, tem o fogo do inferno e o artifício do teatro. Brinca com essas duas coisas e não chega a nenhuma conclusão. E eu estou aqui com a mesma tentativa de ironia e de hipocrisia do próprio D. João quando se dirige ao público.

Então, num certo sentido, isto é um espectáculo autobiográfico.

Completamente. Só tenho pena de não ser tão bom como seria digno da minha personalidade!

Ainda não está feito.

Está bem.

Não há fim

Levi Martins



«A vida acaba com a morte», diz a certa altura o fiel Esganarelo, que tenta, em vão, demover D. João da sua obstinada demanda. A óbvia constatação vem em resposta ao genial discurso em que o protagonista defende que a hipocrisia é a única possibilidade de cada um viver como deseja: «Não tenciono deixar os meus doces hábitos, mas terei o cuidado de me esconder, e divertir-me-ei sem grande alarido». A distância que nos separa do tempo em que Molière o escreveu não lhe retira pertinência. A única forma de cada um viver como lhe apetece, em pleno séc. XXI, parece ser igualmente uma em que esconder o que se pensa é essencial para evitar o conflito com os outros. Mais do que uma verdadeira adaptação às ridículas regras e convenções da sociedade, o que interessa é cada um conseguir simular que está adaptado a essas regras e convenções. O que parece é, e o melhor é que não se diga nem uma palavra em relação ao assunto.

Será melhor viver uma vida dupla, ou admitir que se quer viver de determinada forma e sofrer as consequências dessa escolha? D. João parece ter dificuldade em tomar uma decisão. De facto, o mais razoável é escolher a hipocrisia, que faz passar por pudor a falta de coragem de se assumir uma posição. Só que de mentira em mentira, o mais provável é acabarmos

por mentir a nós próprios e, de tanta simulação, deixarmos sequer de ter a capacidade de distinguir entre aquilo que desejamos verdadeiramente e aquilo que julgamos ser necessário mostrar aos outros para não ficarmos sós e, possivelmente, na miséria.

Ainda assim, quem não desejaria expor totalmente aquilo que é, permitindo aos outros ter acesso aos desejos e pensamentos mais obscuros, inaceitáveis, perigosos, perversos até? A sanidade mental residirá na capacidade de adaptação a uma sociedade hipócrita, ou, pelo contrário, na renúncia consciente e absoluta a tudo aquilo que impede cada um de nós de ser como é, sem filtros ou inibições? Que não se espere tréguas neste segmento final de *Um D. João Português*, que nos coloca perante uma conjunto de perguntas sem resposta, resultado das provocações de um conjunto de pessoas que, há tantos anos, coloca em cena as imperscrutáveis contradições da existência humana.

D. João morre? Suicida-se? Foge? Casa? Já morreu? Existirá, sequer? A figura, da forma como é apresentada, transforma-se num abismo de que não conseguimos ver o fundo. O desconhecido, impossível de pensar, mostra-se, mesmo que apenas num tímido instante. Não é coisa pouca, tentar representar o irrepresentável. Ir ao

âmago do que é a angústia de quem não consegue deixar de ter curiosidade acerca dos limites da consciência de existir. Não há fim para este desejo de infinito. Ou, por outra, é infinito o desejo de conhecer tudo, mesmo aquilo que nos está vedado.

Os limites que a vida nos coloca são: aqueles que deixamos; os que nos são colocados pela vontade dos outros; a lei da gravidade; o que o nosso corpo aguenta. A enumeração é inútil e absurda. Mas lembra o que realmente interessa. Até que ponto é que vivemos aquilo que podemos viver, sem nos escondermos por detrás da confortável máscara da hipocrisia? Se a vida acaba com a morte, a hipocrisia acaba com a vida.

D. João tem consciência de que adoptar esse inatacável «vício da moda» seria a única maneira de parar o seu movimento de fuga. A hipocrisia salvá-lo-ia da solidão? Talvez. Porém, um espírito curioso, indomável, terá sempre muita dificuldade em adaptar-se ao seu século. «Cuide em que se há de tornar», diz Esganarelo. «A terra abre-se, e o abismo, e saem grandes fogos» desse lugar para onde cai D. João, quando salta para o lado de cá – o dos vivos.

Não há fim.

Um D. João Português

IV. A escuridão ao fim da estrada

D. João Tonório *homem dissoluto* DINIS GOMES
Esganarelo *seu criado* DUARTE GUIMARÃES

Freiras JOANA MANAÇAS e NÍDIA ROQUE
D. Luiz *Pai de D. João* LUIS MIGUEL CINTRA

D.^a Elvira *esposa de D. João* RITA DURÃO

Irmãos de Elvira:

D. Carlos BERNARDO SOUTO
D. Afonso JOÃO REIXA

Comendador DIOGO DÓRIA
Sacristão LEONARDO GARIBALDI
Estátua SOFIA MARQUES
Diabo LUÍS LIMA BARRETO

Uma personagem da rua JOÃO JACINTO
Vigilante LEVI MARTINS

Dramaturgia e encenação

Luis Miguel Cintra

Direção de produção e ass. de encenação

Levi Martins

Assistência de produção e de encenação

Maria Mascarenhas

Apoio à montagem de luz e som

Rui Seabra

Design gráfico e ilustração

André Reis

Apoios

República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das
Artes, Fundação GDA, Teatro Nacional S. Carlos, Univer-
sidade de Lisboa, Funerária Parreira

Residência artística
4 a 12 de Dezembro

Apresentações
13 e 14 de Dezembro · 21h30

Black box da Fábrica ASA



Agradecimentos

Adelino Lourenço, Alda Giesta, Alzira Chambel, Carlos Oliveira, Companhia de Actores, Cristina Reis, David Martins, Duarte Crispim, Fernando Carvalho, Filipa Macedo, Gilda Paço, João Parreira, Júlio Neves, Labirinto Mágico (Sesimbra), Linda Gomes Teixeira, Luís Santos, Maria Gonzaga, Miguel Cutileiro, Nadia Couto, Peris Costumes, Rui Teigão, Sandra Silva, Susana Bordeira, Tiago Alves de Matos

Um D. João Português

A partir da *Comédia nova intitulada o convidado de pedra* ou *D. João Tonorio, o dissoluto* de Molière (tradução portuguesa de 1785)

Um espectáculo de

André Pardal, Bernardo Souto, Dinis Gomes, Diogo Dória, Duarte Guimarães, Guilherme Gomes, Joana Manaças, João Reixa, Leonardo Garibaldi, Luís Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Nídia Roque, Rita Cabaço, Rita Durão, Sílvio Vieira, Sofia Marques e da Companhia Mascarenhas-Martins.

Uma co-produção

Companhia Mascarenhas-Martins, Teatro Viriato, Centro Cultural Vila Flor



**Companhia
Mascarenhas
Martins**

TEATRO VIRIATO



**CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES**

- I. Na estrada (da vida)
- II. O mar (e de rosas)
- III. As árvores (dos desgostos)
- IV. A escuridão ao fim da estrada**





Companhia
Mascarenhas
Martins

teatroviriato



CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

fundação
GDA

oart ORGANISMO DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

U

LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA